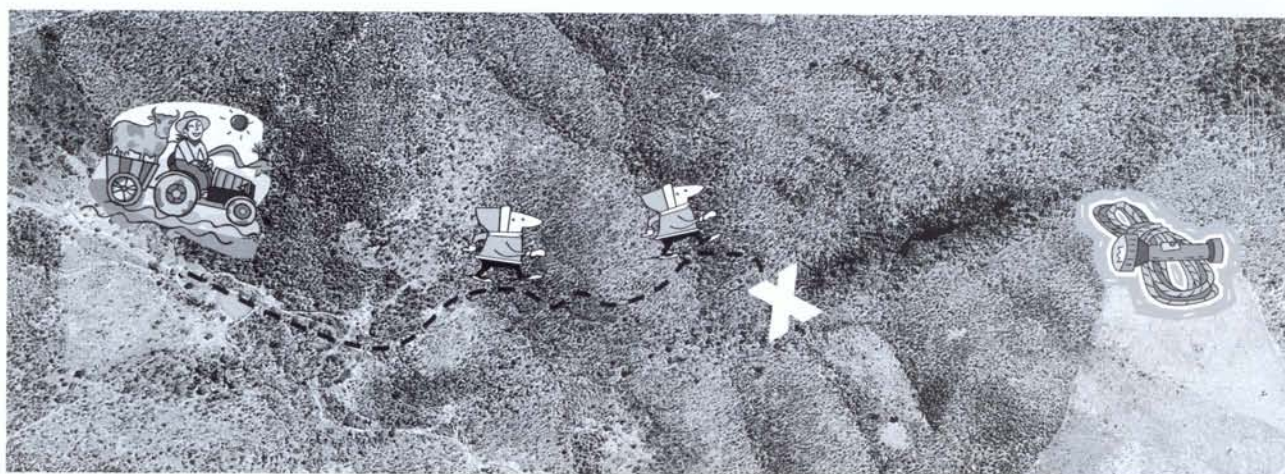


Gruna da Figueira – Uma grande descoberta na Serra do Ramalho

Ezio Rubbioli

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

O sucesso de uma expedição depende de fatores como a escolha das pessoas envolvidas, o local e época das explorações, equipamentos adequados, experiência, entrosamento, etc. Tudo se resume em uma palavra: PLANEJAMENTO. E um bom planejamento resulta em economia de tempo e esforços permitindo maior eficiência e produtividade no campo. As decisões tomadas com antecedência e alheias ao calor das explorações (nos dois sentidos da palavra), normalmente, são mais lúcidas e objetivas.



E foi com esta premissa que iniciamos os preparativos de mais uma expedição à Serra do Ramalho, no sul da Bahia. O local escolhido seria o Boqueirão, a maior gruta da região e com potencial para descobertas de várias novas galerias. A equipe, formada por Flávio Chaimowicz, Lília Horta, César e eu (o Lobinho acabou desistindo na última hora) não era numerosa, mas os seis dias que dispúnhamos seriam suficientes para instalar o acampamento na entrada da gruta e investigar vários pontos promissores indicados no mapa. Plotamos as topografias existentes e identificamos as bases a serem usadas. Tudo pronto; tudo planejado. Só faltava lembrar o caminho no meio do labirinto de estradas de terra que leva até a fazenda onde deixáramos o carro, a cerca de 20 km da Agrovila 23.

– Uma olhada na *Google* deve resolver este problema, pensei enquanto acessava o *Google Earth* uma semana antes da viagem.

Para minha surpresa, novas imagens com uma resolução infinitamente superior, haviam sido incorporadas ao já incrível mosaico. Que boa notícia...

– Veja... Depois da Agrovila seguimos para oeste, viramos à esquerda e seguimos na direção sul na estrada paralela ao afloramento.

As imagens eram incríveis e os detalhes saltavam aos olhos de uma forma inédita até mesmo para quem já conhecia a região de diversas outras expedições.

– Mas que c... de fenda é essa???

Equipamentos, mantimentos, barracas e muitas esperanças enchiam o porta-malas do carro quando partimos de Belo Horizonte em uma manhã fria de sexta-feira, dia 13 de maio de 2012. O destino era o norte de Minas, passando pela cidade de Montes Claros e entrando na Bahia por Guanambi. Um caminho percorrido diversas vezes nos últimos anos, mas que ainda assim conseguia nos surpreender pela péssima qualidade das estradas. Por incrível que pareça, há mais de 3 anos o trecho de Curvelo a Montes Claros está em obras, obrigando os viajantes a longas paradas, onde filas quilométricas de caminhões se formavam. E não tínhamos mais nada a fazer a não ser esperar, esperar e esperar...

Quando paramos o carro no final da estrada de terra depois de mais de um dia de viagem, ao lado de um pequeno barracão de pau-a-pique, onde alguns bois espreitavam curiosos a nossa presença, ainda não havíamos descartado totalmente os planos iniciais. O Boqueirão havia ficado para trás, mas sua entrada estava ali do lado, a menos de 5 km. Daria para ir à pé se a serra não fosse repleta de lapiás e uma mata seca que se elevava à nossa frente. E esses seriam também os mesmos obstáculos que teríamos para encontrar a grande fenda das imagens do *Google*. Até ali, tínhamos nos orientado somente através das referências obtidas na tela do computador, mas agora, encontrar o acesso no meio dos espinhos poderia levar o dia inteiro, mesmo estando a pouco mais de 1 km do destino. E parecia que não

havia ninguém por perto. Arrumamos os equipamentos e mochilas e quando já estávamos prestes a sair... Surge do nada uma moto. Era o Gilson (o dono das terras) e seu filho de cinco anos que estavam pegando um atalho para casa. Depois das apresentações formais e desculpas pela invasão...

– Conheço sim o buraco. Fica naquela direção, mas não dá para descer lá não. É muuuuuuito fundo.

Traduzindo para os termos espeleológicos: lance vertical, uso de cordas, spits, chapeletas, mosquetões... Era o convite que precisávamos.

Ficamos sabendo que a fazenda se chamava Figueira e pertencia à sua família há várias gerações. Sua casa fica do outro lado e aquele abrigo perto do curral servia somente de apoio para cuidar do gado. Seguindo os passos apressados do Gilson e do seu filho (que caminhava na frente com toda a desenvoltura de quem nasceu naquele ambiente) atravessamos a mata e chegamos a uma drenagem seca. Na medida em que descíamos, o leito do rio tornava-se cada vez mais estreito, encaixado e as paredes laterais se elevavam verticalmente formando um verdadeiro cânion. Depois de uns 30 minutos...

As paredes laterais que já atingiam mais de 50 metros de altura juntavam-se na parte mais alta formando um pórtico com 40 metros. Na frente dos nossos pés o chão despencava formando um lance vertical. As pedras atiradas ao fundo denunciavam um abismo com pelo menos 60 a 70 metros e, provavelmente, maior que todas as cordas que dispúnhamos naquele momento. Mais adiante era possível avistar a luz que penetrava por uma abertura superior (clarabóia), mas a sinuosidade da galeria não permitia uma visão completa de como a gruta se desenvolvia. Uma visão impressionante comparada em grandiosidade e beleza com as cavernas do Peruaçu. A única certeza era de que estávamos diante de uma grande descoberta, como há muito tempo não se via na Serra do Ramalho e imediatamente batizada de Gruna da Figueira.



Ezio Rubbioli

–Conheço sim o buraco. Fica naquela direção, mas não dá para descer lá não. É muuuuuuito fundo.

Traduzindo para os termos espeleológicos: lance vertical, uso de cordas, spits, chapeletas, mosquetões... Era o convite que precisávamos.

chegado, as paredes verticais da dolina estampavam a sombra de uma entrada gigantesca. Tão grande e perfeita que parecia uma pintura no calcário avermelhado (depois de topografada, a altura da entrada foi medida em 70 metros). Ficamos um bom tempo por ali, curtindo aquela descoberta e procurando os ângulos mais fotogênicos no meio da vegetação. Depois disso sabíamos que tudo era possível.

– Vamos começar a equipar e ver até onde as cordas chegam, pensei enquanto cravava o primeiro spit. Mas os nossos problemas não paravam por aí. Como os planos iniciais eram todos voltados para o Boqueirão – uma gruta plana e que praticamente não necessita de equipamento vertical – tínhamos trazido uma pequena quantidade de ancoragens. Ainda fiquei lembrando a conversa com o César antes da viagem:

Gruna da Figueira – a Great Discovery in the Serra do Ramalho area

Different approaches to the discovery of Gruna da Figueira, located in the Serra do Ramalho carstic area are herein discussed. If satellite images are an indispensable tool for locating potential search areas, the contribution of local people cannot be dismissed, moreover when isolated caves are to be accessed.

– Vertical? É bom levar, mas acho que dificilmente vamos precisar.

Maldito planejamento! Agora tinha que me virar diante de um abismo de mais de 80 metros com um equipamento reduzido. Pelo menos o lance era bem vertical e dispensava muitos fracionamentos na corda. Já tinha descido uns 40 metros e fixado três preciosos *spits* quando escutei a voz do César vindo do outro lado do abismo. A princípio não entendi direito o que estava acontecendo, mas o Flávio e a Lília que estavam no topo do lance vertical tentavam explicar o que se passava. O César havia subido por uma rampa lateral até uma entrada superior que descia paralela ao abismo e interceptava a grande galeria mais adiante, aparentemente em um local mais baixo do que eu estava. Aquela rota parecia uma boa opção para driblar a nossa limitação de cordas e *spits*. Subi *desequipando* o abismo e em poucos minutos todos acompanhavam o César por um conduto descendente. No fundo era possível avistar novamente a grande galeria banhada pela luz que penetrava pelo abismo que acabávamos de tentar descer (à esquerda) e a clarabóia (à direita) que rasgava o

teto do conduto mais de 50 metros acima das nossas cabeças. Não só acabávamos de descobrir um acesso mais fácil para chegar ao fundo, mas também um mirante com uma vista ainda mais privilegiada da caverna. À medida que o dia passava, as luzes mudavam de posição desvendando aos poucos aquela caverna, que realmente não poderia (e nem deveria) revelar todos os seus segredos em um primeiro olhar.

Reiniciamos a instalação das cordas, desta vez um único fracionamento conduzia a um lance negativo com 45 metros de profundidade. Em poucos minutos, a nossa via de descida estava pronta e os meus pés finalmente tocavam o fundo da galeria. Agora era só esperar o resto da equipe para seguir a exploração.

– Corda livre. Pode descer.

Nada. As luzinhas continuavam lá no alto, andando de um lado para o outro e conversando coisas ininteligíveis para quem estava distante demais para compreender.

– POOOOODE DESCER.

E mais conversa, e mais movimentação, e ninguém descia. Passados alguns minutos, o César chega com a notícia: a Lília e o Flávio iriam ficar em cima esperando por um reconhecimento. O jeito era continuar a exploração em dupla.



Flávio Chaimowicz

Reiniciamos a instalação das cordas, desta vez um único fracionamento conduzia a um lance negativo com 45 metros de profundidade. Em poucos minutos, a nossa via de descida estava pronta e os meus pés finalmente tocavam o fundo da galeria.

Optamos em dar uma olhada na galeria antes de iniciar a topografia. Estávamos em um conduto amplo, com cerca de 20 metros de largura e que recebia uma luz indireta vindo da parte superior do abismo. O teto se lançava a quase 100 metros de altura e espeleotemas cobriam amplas áreas das paredes. Mais à frente uma nova descida conduzia ao que poderíamos chamar de piso da caverna. Embora pudesse ser vencida sem o uso de cordas, a descida com mais de 20 metros de desnível em meio a escorrimentos de calcita bastante desgastados pela ação da água, não era uma tarefa das mais tranquilas. Pequenas saliências nas paredes davam o apoio que precisávamos, embora qualquer escorregão pudesse causar uma queda bem séria.

Finalmente "terra firme". Pisamos em um solo argiloso e bastante úmido que deixava estampado em seus extratos marcas de inundações pretéritas.

– Isso não é um bom sinal, pensei enquanto examinava a pequena drenagem ativa que cortava a galeria formando um mini vale.

Apesar das imagens do Google serem bem claras quanto

à magnitude daquela feição cástica; apesar da galeria com mais de 100 metros de altura que acabávamos de descobrir; apesar do potencial tanto em desnível como extensão que a gruta se inseria, havia um detalhe que, desde o começo, me deixava com o pé atrás: a direção da galeria. Não é preciso ser um geólogo ou entender muito de formação de cavernas para perceber facilmente que a maioria das grutas da Serra do Ramalho – principalmente as maiores – são condicionadas por fatores estruturais que, predominantemente, ocorrem na direção norte-sul. E esta fenda era leste-oeste. Esperava ansiosamente, assim que chegássemos ao fundo, encontrar um conduto na parede direita que seguisse direto para o sul, revertendo o último detalhe que nos separava de uma grande descoberta.

Mas não era bem isso que estávamos vendo. O conduto era magnífico, tendo na base cerca de 40 metros de largura. As paredes subiam praticamente verticais até o teto, onde uma clarabóia com pouco mais de 10 metros de largura e 200 metros de extensão deixava penetrar uma luz difusa que iluminava uma vegetação baixa formada principalmente por samambaias que cresciam em montes de areia. Mais à frente, já na zona de penumbra, a drenagem virava para a esquerda e terminava em uma área alagada junto ao paredão.

– Um maldito sifão!!!

A galeria principal seguia adiante, sempre na direção leste, subindo uma rampa de blocos abatidos e, depois, descendo bruscamente na direção do rio, que ressurgia sob a forma de uma pequena corredeira. O teto baixava novamente de forma brusca, embora um grande patamar na parede esquerda indicasse a possibilidade de uma continuação superior. Seria a continuação lógica do conduto, uma vez que não fazia sentido uma mudança tão brusca na sua dimensão. Contudo, o acesso era muito exposto e necessitaria de algumas cordas, ancoragens e muito tempo para ser vencido; itens que não dispúnhamos naquele momento. Voltamos para o rio agora em um conduto baixo e estreito (três metros de largura e altura). O ar abafado e quente anunciava o iminente final, o que acabou acontecendo cerca de 100 metros adiante. Era hora de iniciar a topografia voltando sobre as nossas pegadas e verificando se algum detalhe havia passado despercebido.

Antes de subir o escorrimento que acessava a corda resolvemos “esticar” umas visadas na direção do local onde a drenagem ressurgia, embora diante da magnitude daquele conduto, parecia que o rio marejava no meio de alguns espeleotemas. Ao aproximar percebemos uma galeria baixa atrás de uma “cortina” de espeleotemas.

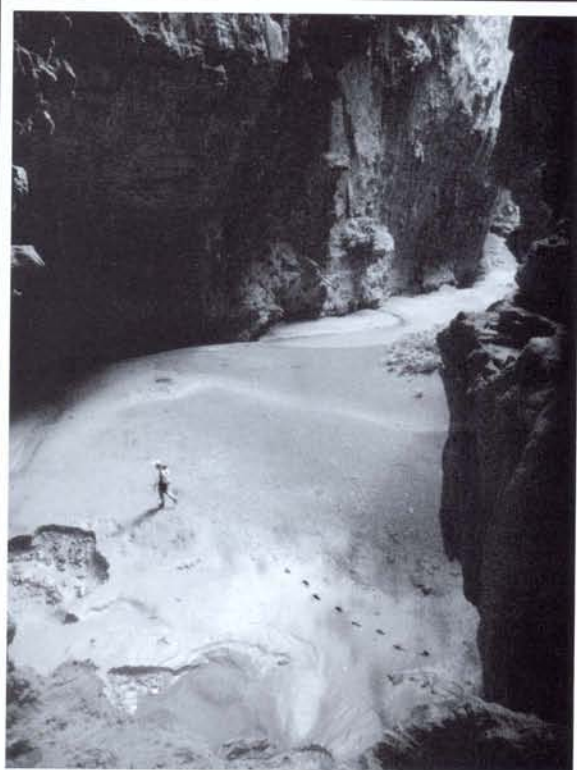
– Vamos dar uma olhada, mas tá com cara que vai fechar na primeira curva.

Iniciamos o mapeamento atolando até a altura dos joelhos em uma argila mole e pegajosa. O pior era o teto baixo que não deixava espaço para buscar os locais fora da água.

– Mas tudo bem, só mais alguns metros, pensava enquanto tentava salvar o imaculado croqui que havia caído de cabeça para baixo dentro da água.

E passamos a primeira curva, a segunda e a terceira... Sem fim a vista. A galeria mantinha as mesmas formas e dimensões. Já eram mais de 5 horas da tarde e tínhamos um longo caminho a percorrer desde subir a corda, sair da gruta, a caminhada de 1 hora até o carro e mais 20 km de carro até Descoberto tentando chegar a tempo de conseguir uma pousada e um local para jantar.

– Cesinha, vamos parar a topo e dar uma olhada na continuação desta galeria. Com certeza teremos que voltar amanhã.



Ezio Rubbioli

As paredes subiam praticamente verticais até o teto, onde uma clarabóia com pouco mais de 10 metros de largura e 200 metros de extensão deixava penetrar uma luz difusa que iluminava uma vegetação baixa formada principalmente por samambaias que cresciam em montes de areia.

E não foi preciso completar a frase para “convencer” o César a sair mais rápido naquela lama nojenta. Seguimos mais alguns metros e encontramos um pequeno lago onde o rio estava sifonado. Seria o previsto fim? Ainda não. Uma passagem superior acessava o outro lado do sifão e...

– Continuuuuua. Pode vir,

Agora seguimos por uma galeria bem mais confortável, com mais de três metros de altura e o leito do rio formado por um cascalho fino e duro. Dava quase para correr...

– Um teto baixo. Só faltava essa.

Já estávamos sujos e molhados, era o fim do dia e seria melhor confirmar o limite do conduto. Primeiro abaixado, depois ajoelhado, arrastando, com o peito no chão, até que...

– Péra aí qui vou ter que cavar um pouquinho aqui. Parece que continua do outro lado.

E continuava mesmo. O conduto voltou atingindo mais de 5 metros de largura e 10 de altura e não tinha nenhum obstáculo visível pela frente. Já tínhamos percorrido mais de 300 metros além da última base topográfica. Hora de voltar.

À noite, no bar em Descoberto, com um prato quentinho de arroz, feijão e carne de sol, ninguém mais se lembrava dos planos iniciais.

– Boqueirão??? Onde mesmo fica esta gruta?

Descoberto é um pequeno povoado, distrito do município de Coribe, e estrategicamente localizado no centro da Serra do Ramalho. Outra particularidade é que o aglomerado urbano fica dentro de uma depressão rasa e ampla, ponto de captação de algumas drenagens temporárias que encontram ali o sumidouro para suas águas: trata-se da já explorada Gruta de Descoberto. A gruta, situada praticamente dentro das ruas da cidade, é formada por uma galeria alta com uma sequência de travertinos que formam barragens naturais que chegam a quase 10 metros de altura. Flutuando nesses lagos, pode-se encontrar material suficiente para um estudo sobre hábitos socioeconômicos da população. São dezenas de garrafas plásticas, pedaços de bonecas e todos os tipos de objetos “sobrenadantes”.

Descoberto já foi base de diversas expedições espeleológicas e acabamos criando fortes laços de amizade com alguns moradores. Embora a nossa presença já não seja tão

inusitada para os habitantes, a cada retorno recebemos novas informações sobre grutas. Cada morador conhece um buraco nas suas terras ou história envolvendo algum parente ou amigo e uma gruta. E muitos vêm de longe só para repassar a informação. Importantes descobertas foram feitas a partir destes contatos informais com a população local.

Agora, e com a barriga cheia, tudo estava resolvido; de acordo com o novo planejamento. Havíamos conseguido um lugar para ficar na casa do nosso velho conhecido Deoni. Ele e sua esposa Tetica estavam acostumados a receber de braços abertos os espeleólogos, e mesmo tendo desativado a pensão sempre arrumavam um lugar para nos hospedar. Pela amostra que tivemos no primeiro dia de explorações, teríamos muito a fazer nesta nova região nos próximos dias.

A última base estava fincada em uma estalactite suspensa no meio da galeria baixa onde a pequena drenagem corria silenciosamente. Nossos pés chafurdavam na lama até a altura das canelas e cada passo exigia um esforço adicional de desenterrar um dos pés enquanto o outro inevitavelmente ficava mais preso. Uma luta sem fim. Felizmente em menos de uma hora já havíamos vencido o trecho pior e nos encontrávamos diante de galerias maiores, com menos barro e... sem pegadas.

– Daqui pra frente é tudo novo, pensava enquanto via o César mirar o feixe de laser da nossa trena no vazio.

– Trinta e quatro metros e sessenta e três.

Começamos bem. Nem parecia aquela galeria desprezível do dia anterior, onde tivemos até que abrir passagem no meio da lama para conseguir arrastar o corpo junto ao leito do rio. O conduto mantinha uma altura em torno de 5 a 6 metros, mas a largura já passava dos dez metros, chegando a quase 20 em alguns locais.

– Trinta e seis metros e noventa e sete.

A topografia só não andava mais rápida porque novamente estávamos restritos em dois. O Flávio ficou no patamar para tirar mais fotos e a Lília seguia o rastro dos bichos que deixavam pegadas na lama ao lado do rio. O conduto



Ezio Rubbioli

Já estávamos sujos e molhados, era o fim do dia e seria melhor confirmar o limite do conduto. Primeiro abaixado, depois ajoelhado, arrastando, com o peito no chão, até que...

- Péra aí qui vou ter que cavar um pouquinho aqui. Parece que continua do outro lado.

continuava cada vez maior e mais linear, sempre seguindo na direção oeste, paralelamente ao desenvolvimento da galeria principal. Depois de 700 metros de topografia finalmente a galeria pegou a forma das grandes cavernas da Serra do Ramalho, com 10 metros de altura e 20 de largura, surgindo abatimentos isolados em alguns pontos.

– Trinta e dois metros, zero três. Fechô!!!

– Como assim, fechou? Logo agora que parecia que tínhamos encontrado um conduto de verdade. E sem aviso prévio, nem um teto baixo ou estreitamento...

Realmente era o final. A obstrução da galeria, formada por um abatimento sólido e compacto reforçado por uma capa de calcita não deixava possibilidades para qualquer tentativa. Do lado direito, o rio ressurgiu junto à parede

através de um sifão.

Nada mais a fazer [o resto da galeria principal já havia sido mapeado na primeira parte do dia] juntamos o equipamento de topo e retornamos em direção à saída a tempo de ver o jogo de luz do final da tarde encher de cores a galeria principal. Enquanto isso o Flávio, posicionado no patamar a 80 metros acima das nossas cabeças, se esforçando nos últimos cliques aproveitando a escala daqueles três seres insignificantes que andavam de um lado para outro lá em baixo. Fim de mais um dia na Serra do Ramalho.

De noite, novamente na mesa do bar, repondo as energias com mais um prato quentinho de arroz, feijão e carne de sol, ninguém se importava se a carne estava dura ou salgada. O assunto girava em torno dos outros dois dias de exploração e várias dicas do Gilson (aquele da moto que nos levou à Gruta da Figueira na primeira vez). Sem querer, mais uma vez estávamos tentando planejar o dia de amanhã, os nossos próximos passos e atividades que teríamos pela frente. Na verdade não passava de um exercício de imaginação e criatividade que ajudava a esvaziar os copos de cerveja. No fundo, todos sabiam que na Serra do Ramalho é impossível planejar o que iríamos encontrar na próxima curva da galeria ou no meio de uma mata de espinhos. O que diria no dia seguinte.

Gruna da Figueira - Une découverte importante sur la "Serra do Ramalho"

Ezio Rubbioli

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

La réussite d'une expédition relève de facteurs tels que le choix des participants, l'endroit et la période des explorations, les équipements adéquats, l'expérience, la synergie du groupe, etc. En un mot : PLANIFICATION. Et une bonne planification mène à l'économie de temps et d'efforts, ce qui permet une plus grande efficacité et productivité sur le terrain. Les décisions prises au préalable en prenant du recul de la « chaleur » des explorations (dans les deux sens du terme) sont, en général, plus lucides et plus objectives.

C'est sur ces prémisses que nous avons commencé la préparation d'une nouvelle expédition sur la Serra do Ramalho, au sud de l'état de Bahia. Nous avons choisi Boqueirão, la plus grande grotte de la région car il y a un grand potentiel de découverte. L'équipe formée de Flávio Chaimowicz, Lília Horta, César et moi (Lobinho avait fini par renoncer à la dernière minute) – n'était pas nombreuse, mais les six jours dont on disposait nous suffiraient pour planter nos tentes à l'entrée de la grotte et pour explorer plusieurs points prometteurs indiqués sur la topo. Nous avons positionné à l'aide du GPS les topographies existantes et nous avons identifié les points que nous utiliserions. Tout était prêt, tout était planifié. Il fallait maintenant nous souvenir du chemin au milieu du labyrinthe de pistes qui menaient jusqu'à la ferme où nous laisserions la voiture, à environ 20 km de l'Agrovila 23.

- « Un coup d'œil sur Google devrait résoudre ce problème », ai-je pensé en surfant sur le Google Earth une semaine avant le voyage.

À ma grande surprise, de nouvelles images, d'une résolution infiniment supérieure avaient été ajoutées à l'incroyable mosaïque. Quelle bonne nouvelle...

- « Regardez... Après l'Agrovila nous filons vers l'Ouest, nous tournons à gauche et nous continuons vers le Sud sur cette route qui longe l'affleurement ».

Les images étaient incroyables et les détails sautaient aux yeux même de ceux qui connaissaient déjà la région, pour avoir participé à d'autres expéditions !

- Mais qu'est-ce que c'est que cette p... de fente???

Des équipements, des provisions, des tentes et beaucoup d'espoir remplissaient le coffre de la voiture quand nous sommes partis de Belo Horizonte dans le froid matin du vendredi 13 mai. La destination était le nord du Minas Gerais, en passant par la ville de Montes Claros et en entrant dans l'état de Bahia par la ville de Guanambi. Un chemin qui nous avons parcouru plusieurs fois les dernières années, mais qui nous surprenait toujours à cause de la très mauvaise qualité de ces routes. C'est difficile à croire mais cela fait plus de 3 ans que le tronçon de Curvelo à Montes Claros est en travaux, ce qui oblige les voyageurs à de longues attentes, pendant que d'énormes queues de camions se forment. Et nous n'avions rien d'autre à faire qu'attendre, attendre et attendre...

Quand nous avons arrêté la voiture au bout d'une route en terre après plus de 24 heures de voyage, à côté d'une petite baraque rudimentaire de torchis, où quelques bœufs nous épiaient curieux, nous n'avions pas encore renoncé à notre projet initial. Nous avons laissé Boqueirão derrière nous, mais son entrée était proche, à moins de 5 km.

On aurait pu même y aller à pied si la serra n'avait pas été pleine de lapiés et d'une forêt sèche qui se dressait devant nous. Et c'était justement ces mêmes obstacles qui nous rendraient plus difficile la découverte de la grande fente des images de Google. Jusque là, nous nous étions orientés avec les repères sur l'écran de l'ordinateur. Mais là,

pour trouver l'accès au milieu des épines nous aurions pu y passer toute une journée, même si notre destination était à un environ 1 km. Il semblait qu'il n'y avait personne aux alentours. Nous avons organisé les équipements et les sacs à dos et quand nous étions sur le point de sortir... Une moto a surgi de nulle part. C'était Gilson (le propriétaire des terres) et son fils de cinq ans qui prenaient un raccourci pour rentrer chez eux. Après les présentations, les excuses pour l'invasion...

- « Oui, je le connais, ce trou. C'est dans cette direction, mais on ne peut pas y descendre. C'est troooooop profond. ».

En traduisant en termes spéléologiques : abîme, utilisation de cordes, de spits, de plaquettes, de mousquetons... C'était l'invitation que nous attendions !

Nous avons appris que la ferme s'appelait Figueira et qu'elle appartenait à sa famille depuis plusieurs générations. Leur maison était de l'autre côté et ce bâtiment à côté de l'étable n'était qu'un abri pour ceux qui s'occupaient du bétail. En suivant les pas pressés de Gilson et de son fils (qui du haut de ses cinq ans marchait devant nous avec la désinvolture de quelqu'un qui est né ici) nous avons traversé la forêt et nous sommes arrivés à un drainage sec. À mesure qu'on descendait, le lit de la rivière devenait toujours plus étroit, encaissée et les parois latérales s'élevaient verticalement, en formant un vrai canyon. Au bout d'une bonne demi-heure...

Les parois latérales, qui atteignaient déjà 50 mètres de haut, se rejoignaient dans la partie la plus haute et formaient un porche de 40 mètres. Devant nous, le sol s'effondrait formant un abîme. Les pierres qu'on jetait au fond annonçaient une verticale d'au moins 60 ou 70 mètres et probablement plus grand que toutes les cordes dont on disposait à ce moment-là. Un peu plus avant on pouvait voir la lumière qui pénétrait par une ouverture supérieure (claraboia), mais la sinuosité de la galerie ne permettait pas une vue complète du développement de la grotte. Une vue impressionnante, comparable en beauté et en majesté aux grottes du Peruaçu. Nous avions une seule certitude : c'était une grande découverte, comme on n'en avait pas vu depuis longtemps à Serra do Ramalho et elle a été immédiatement baptisée Gruna da Figueira.

La Serra do Ramalho nous avait surpris par la majesté de ses grottes dès les premières explorations. En 1992, quand Augusto et moi, nous avons décidé de faire un voyage de reconnaissance au "nouveau paradis spéléologique" dernièrement découvert, nous avions la certitude d'y trouver plusieurs grottes dont quelques unes probablement grande. Des entrées colossales comme celles de Peruaçu et Brejões faisaient partie du passé et nous ne pouvions même pas imaginer qu'il y avait encore des grottes de ce type inconnues de la communauté spéléologique. Ce jour-là, pourtant, alors que nous suivions un local qui nos emmenait au "trou" connu comme Gruna do Anjo, (Grotte de l'Ange), nos repères allaient changer. Le relief était relativement plat et ne donnait pas d'indice de caractéristiques karstiques remarquables. Soudain, nous avons noté que les sommets des arbres disparaissaient, ce qui indiquait une dépression devant nous. Encore quelques coups de machette ici et là et nous sommes arrivés au bord d'une doline allongée de quelques centaines de mètres dans le sens le plus large. Exactement du côté opposé à celui d'où nous étions arrivés, les parois verticales de la doline exhibaient l'ombre d'une entrée gigantesque. Elle était si grande et si parfaite qu'on aurait dit une peinture sur le calcaire rouge (après la topographie nous avons vu que la hauteur de l'entrée était de 70 mètres). Nous y sommes

restés longtemps, nous délectant de cette découverte et en cherchant les meilleurs angles pour prendre des photos au milieu de la végétation. Après cela, nous savions que tout était possible.

- « On va commencer à équiper et voir jusqu'où les cordes peuvent arriver », ai-je pensé en enfonçant le premier spit. Mais nos problèmes ne s'arrêtaient pas là. Comme tous les projets initiaux se tournaient vers le Boqueirão – une grotte plate et qui ne demande pratiquement pas d'équipement vertical – nous n'avions apporté qu'une petite quantité d'amarrages. Je me rappelais encore de la discussion avec César avant le voyage:

- « Vertical? C'est bien d'en apporter mais je crois que nous en aurons difficilement besoin. »

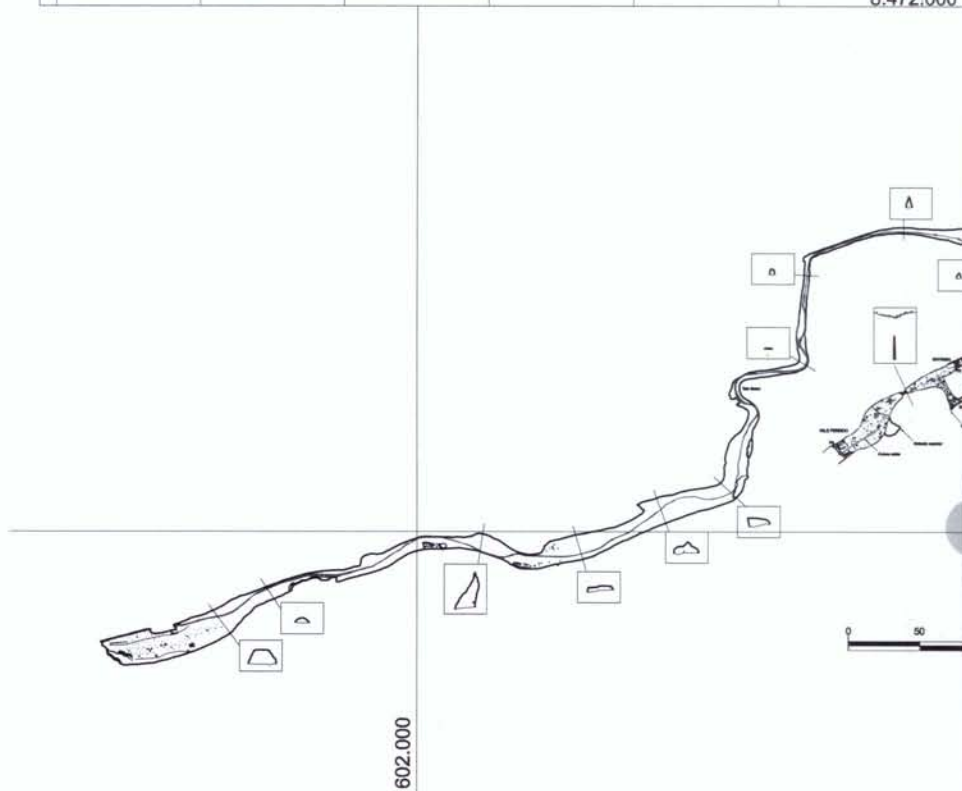
Sacrée planification! Maintenant je devais me débrouiller face à un gouffre de plus de 80 mètres avec un équipement réduit. Au moins le gouffre était-il bien vertical et n'exigeait pas trop de fractionnements de corde. J'avais déjà descendu environ 40 mètres et fixé trois précieux spits quand j'ai entendu la voix de César de l'autre côté du gouffre. Au début je n'ai pas bien compris ce qui se passait mais Flávio et Lília, qui étaient en haut essayaient de me l'expliquer. César étaient monté par une rampe latérale jusqu'à une entrée supérieure, qui descendait en parallèle au gouffre et qui interceptait la grande galerie un peu plus en avant, apparemment dans un endroit plus bas que celui où j'étais. Ce chemin semblait une bonne option pour "dribbler" notre limitation de cordes et de spits. Je suis monté en déséquipant et quelques minutes après nous tous accompagnions César dans la conduite descendante. On pouvait encore voir, au fond, la grande galerie baignée de la lumière pénétrant par le gouffre qu'on venait d'essayer de descendre (à gauche) et la claraboia (à droite) qui déchirait le toit de la conduite plus de 50 mètres au dessus de nos têtes.

On venait, non seulement, de découvrir un accès plus facile pour arriver au fond, mais aussi un point de vue encore plus privilégié du gouffre. À mesure que la journée passait, la lumière changeait de position dévoilant peu à peu cette grotte qui ne pouvait vraiment pas (ni ne devait) révéler tous ses secrets au premier regard.

Nous avons repris l'installation des cordes; cette fois un seul fractionnement s'adaptait à un jet de 45 mètres de profondeur. En quelques minutes notre voie de descente était prête et mes pieds touchaient le fond de la galerie. Je n'avais maintenant qu'à attendre le reste de l'équipe pour continuer l'exploration.

- « La corde est libre! Vous pouvez descendre! »

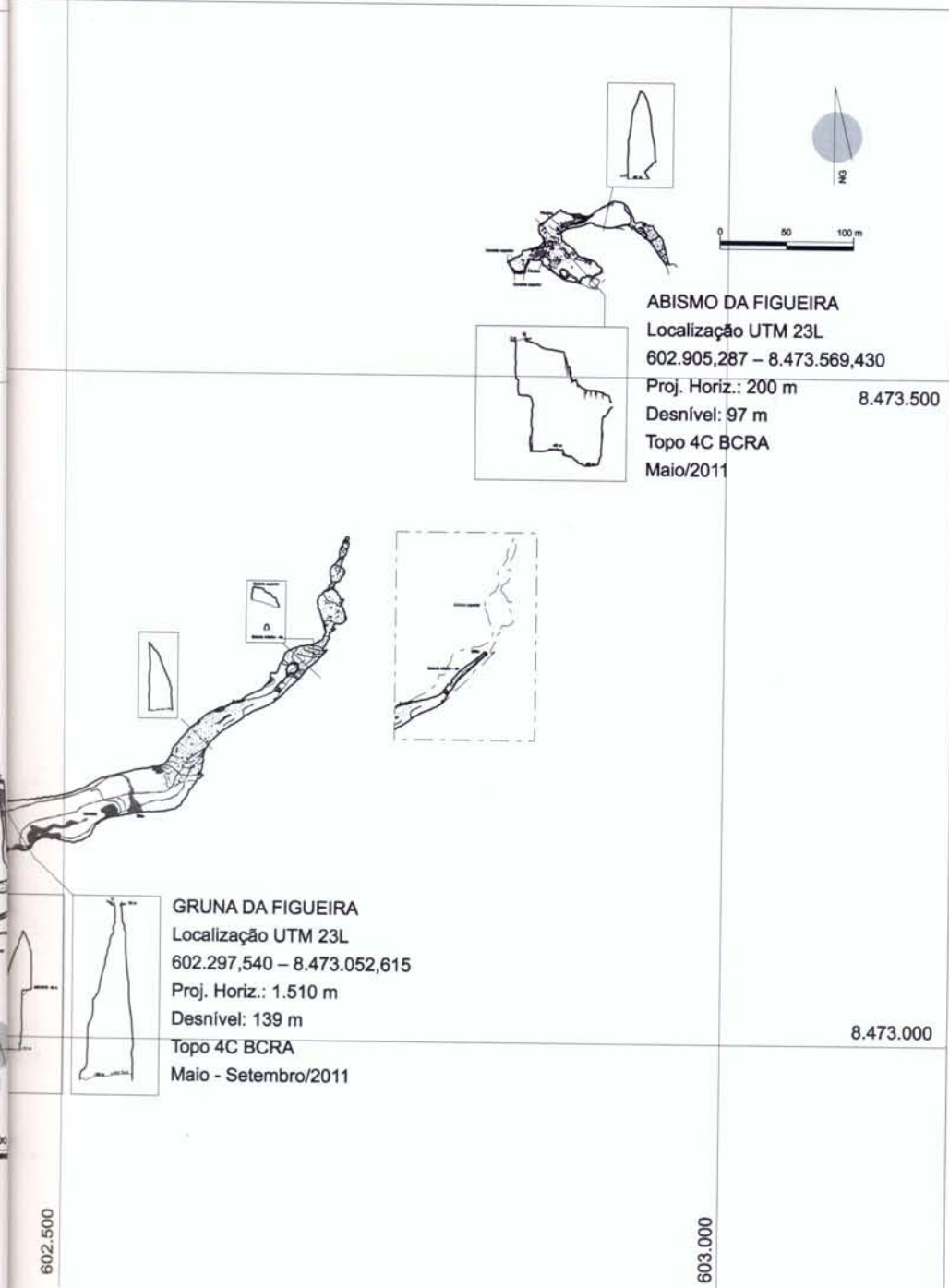
Rien. Les petites lumières continuaient là-haut, se promenant par-ci par-là et disant des choses inintelligibles pour quelqu'un qui était trop éloigné pour les entendre.



- « VOUS POUVEZ DESCENDRE!!!! »

Et les conversations continuaient là-haut, et encore des mouvements, et personne ne descendait. Quelques minutes plus tard César arrivait avec la nouvelle: Lília et Flávio allaient rester en haut, en attendant une reconnaissance. La seule chose à faire c'était de continuer l'exploration en tandem.

Nous avons choisi de jeter un regard sur la galerie avant de commencer la topographie. Nous étions dans une conduite importante, avec environ 20 mètres de large et qui recevait une lumière indirecte venant de la partie supérieure du gouffre. Le toit se lançait à presque 100 mètres de haut et des spéléothèmes couvraient des larges espaces des parois. Un peu plus loin, une nouvelle descente menait à ce qu'on pourrait appeler le sol de la grotte. Elle pouvait être faite sans l'utilisation des cordes, mais une descente de plus de 20 mètres avec des coulées de calcite assez érodées par l'action de l'eau n'était pas une tâche des plus évidentes. De petites saillies sur les parois nous offraient l'appui dont nous avions besoin, mais un simple glissement aurait pu entraîner une chute sérieuse.



détail que nous séparait d'une grande découverte.

Mais ce n'était pas ça que nous étions en train de voir. La conduite était magnifique, avec 40 mètres de large dans la base. Les parois montaient pratiquement à la verticale jusqu'au toit, où une claraboia d'un peu plus de 10 mètres de large et de 200 mètres d'extension laissait pénétrer une lumière diffuse qui éclairait une végétation basse constituée surtout de fougères qui poussaient sur des tas de sable. Un peu plus loin, déjà dans la zone de pénombre, le drainage tournait vers la gauche et finissait dans une zone inondée auprès de la paroi.

- « Un maudit siphon!!! »

La galerie principale continuait, toujours vers l'Est, montant une rampe de blocs effondrés et, descendant ensuite brusquement vers la rivière, qui resurgissait sous forme d'un petit rapide. Le toit baissait brusquement encore une fois, même si un grand palier sur la paroi gauche indiquait la possibilité d'une suite supérieure. Cela aurait été la continuation logique de la conduite, puisque un changement si brusque de la dimension de la galerie aurait été un contresens. L'accès, pourtant, était trop exposé et demanderait quelques cordes, des amarrages et beaucoup de temps pour être vaincu, des choses dont on ne disposait pas à ce moment-là. Nous sommes retournés à la rivière, à présent dans une conduite basse et étroite (trois mètres de large et de haut. L'air étouffant et chaud annonçait la fin imminente, ce qui a fini par arriver environ 100 mètres plus loin. C'était le moment de commencer la topographie en revenant

sur nos pas et en vérifiant dans le détail ce qui aurait pu nous échapper.

Avant de monter la coulée qui donnait accès à la corde, nous avons décidé d "étendre" quelques visées vers le local où le drainage resurgissait, même si, devant la magnitude de cette conduite, nous avions l'impression que la rivière coulait au milieu de quelques spéléothèmes. En nous approchant nous avons aperçu une galerie basse derrière un "rideau" de spéléothèmes.

- « On va jeter un coup d'œil, mais ça a l'air de finir au premier tournant. »

Nous avons commencé la topographie en nous enfonçant jusqu'aux genoux dans une argile molle et collante. Le pire c'était le toit trop bas qui ne nous permettait pas de chercher des espaces hors de l'eau.

- « Ça va, il ne nous reste que quelques mètres », pensais-je, en cherchant à sauver le croquis immaculé qui était tombé à pic dans l'eau.

Nous avons passé le premier tournant, le deuxième, le troisième. Pas de fin en vue. La galerie gardait toujours les mêmes formes et les

Finalement, "terre ferme". Nous avons mis les pieds sur un sol argileux et assez humide, qui montrait dans ses couches des traces d'anciennes inondations.

- « Ce n'est pas bon signe », ai-je pensé, en examinant le petit drainage actif qui traversait la galerie et formait une mini-vallée.

Même si les images de Google étaient bien nettes à propos de l'ampleur de cette manifestation karstique, malgré la galerie de plus de 100 mètres de haut que nous venions de découvrir, malgré le potentiel qu'elle présentait, tant en dénivellement qu'en extension de la grotte, il y avait un détail qui me préoccupait : la direction de la galerie. Pas besoin d'être géologue ou expert en formation de grotte pour se rendre compte, facilement, que la majorité des grottes de la Serra do Ramalho – surtout les plus grandes – sont orientées par des facteurs structuraux qui se produisent surtout dans la direction Nord-Sud. Et cette fente était dans le sens Est-Ouest. J'espérais anxieusement trouver, dès que nous arriverions au fond, une conduite sur la paroi droite en suivant directement vers le sud, renversant ainsi le dernier

mêmes dimensions. Il était déjà plus de cinq heures de l'après-midi et nous avions un long chemin à parcourir: monter la corde, sortir de la grotte, marcher une heure jusqu'à la voiture et faire encore 20 km de route pour arriver à Descoberto. Et il nous fallait essayer d'arriver à temps pour trouver un logement et où dîner...

- « Cesinha, nous allons arrêter la topo et jeter un coup d'œil dans la suite de cette galerie. Je suis sûr qu'il nous faudra revenir demain. »

Il ne m'a pas fallu compléter la phrase pour "convaincre" César de sortir le plus vite possible de cette boue dégueulasse. Nous avons continué encore quelques mètres et nous avons trouvé un petit lac où la rivière siphonnait. Était-ce la fin prévue? Pas encore. Un passage supérieur donnait accès à l'autre côté du siphon et...

- « Ça continuuuuuu. Tu peux venir ».

Nous suivions à présente une galerie bien plus confortable, de plus de trois mètres de hauteur et le lit de la rivière était formé de cailloux fins et durs. On pouvait presque courir...

- « Un laminoir. Ça alors! »

Puisque nous étions déjà sales et mouillés et que c'était la fin de la journée, il valait mieux s'assurer des limites de la conduite. D'abord baissés, après à genoux, ensuite en rampant la poitrine au sol, jusqu'à ce que...

- « Attends un peu, je dois creuser un petit peu ici. Il me semble que ça continue de l'autre côté. »

Et en effet ça continuait. La conduite a repris atteignant plus de 5 mètres de large et de haut et il n'y avait aucun obstacle visible devant nous. Nous avons parcouru plus de 300 mètres depuis la dernière base topographique. C'était l'heure de rentrer.

Le soir, au bar à Descoberto, devant une assiette bien chaude de riz, de haricots et de viande "de sol", personne ne se souvenait du projet initial:

- « Boqueirão??? C'est où déjà cette grotte? »

Descoberto est un petit village dans la commune de Coribe, stratégiquement situé au milieu de la Serra do Ramalho. Une autre particularité c'est que l'agglomération urbaine est située dans une dépression rase et ample, point de captation de quelques drainages temporaires qui y trouvent l'écoulement de leurs eaux: il s'agit de la Gruna de Descoberto, déjà explorée. La grotte, située pratiquement dans les rues du village, est formée d'une haute galerie avec une suite de gours qui forment des barrages naturels et qui atteignent presque 10 mètres de haut. Flottant sur ces lacs, il y a assez de matériel pour faire une étude sur les habitudes socio-économiques de la population. On y trouve des dizaines de bouteilles en plastique, de morceaux de poupées et tout type d'objets "surnageants".

Descoberto a déjà été la base de plusieurs expéditions spéléologiques et nous avons fini par créer de forts liens d'amitié avec quelques habitants. Même si notre présence n'est plus si exceptionnelle que ça aux yeux des locaux, à chaque fois qu'on y retourne on obtient de nouvelles informations sur les grottes. Chaque habitant de Descoberto connaît un trou dans ses terres ou une histoire qui concerne un ami, quelqu'un de la famille et une grotte. Et quelques uns viennent de loin juste pour transmettre l'information. D'importantes découvertes ont été faites grâce à ces contacts informels avec la population locale.

C'est à ce moment-là, le ventre plein, que tout a été organisé selon nos nouveaux projets. Nous avons réussi à trouver un logement chez notre vieil ami Deon. Son épouse Tética et lui avaient l'habitude de recevoir à bras ouverts les spéléologues et malgré la fermeture de leur petite pension, ils trouvaient toujours où nous héberger. Et d'après

ce que nous avions vu le premier jour d'exploration, nous allions avoir beaucoup à faire durant les prochains jours, dans cette nouvelle région.

La dernière base était fixée sur une stalactite suspendue au milieu de la galerie basse, où le petit drainage coulait silencieusement. Nos pieds s'embourbaient dans la boue jusqu'aux genoux et chaque pas exigeait un effort supplémentaire pour déterrer un pied pendant que l'autre, inévitablement s'enfonçait davantage. Une lutte sans fin. Heureusement en moins d'une heure nous avions vaincu le morceau le plus difficile et nous nous sommes retrouvés devant des galeries plus grandes, avec moins de boue et... vierges de toute trace.

- « À partir d'ici tout est nouveau », pensais-je, pendant que je regardais César qui focalisait le faisceau de laser de notre ruban de mesure dans le vide.

- « Trente-quatre mètres soixante-trois. »

Un début prometteur. Rien nous rappelait cette galerie méprisable de la veille, où nous avions dû ouvrir le passage au milieu de la boue pour traîner nos corps jusqu'à la rivière. La conduite gardait toujours une hauteur d'environ 5 ou 6 mètres, mais la largeur dépassait dix mètres, arrivant presque à 20, à certains endroits.

- « Trente-six mètres quatre-vingt-sept. »

La topographie n'avancait pas plus vite pour la bonne et simple raison que de nouveau nous n'avions que deux. Flávio était resté sur le palier pour prendre d'autres photos et Lilia suivait les traces des animaux qui avaient laissé des empreintes dans la boue. La conduite continuait toujours plus grande et plus linéaire, toujours vers l'Ouest, parallèlement au développement de la galerie principale. Après 700 mètres de topographie, finalement la galerie a pris la forme des grandes grottes de la Serra do Ramalho, avec 10 mètres de haut et 20 mètres de large, présentant quelques affaissements isolés en quelques points.

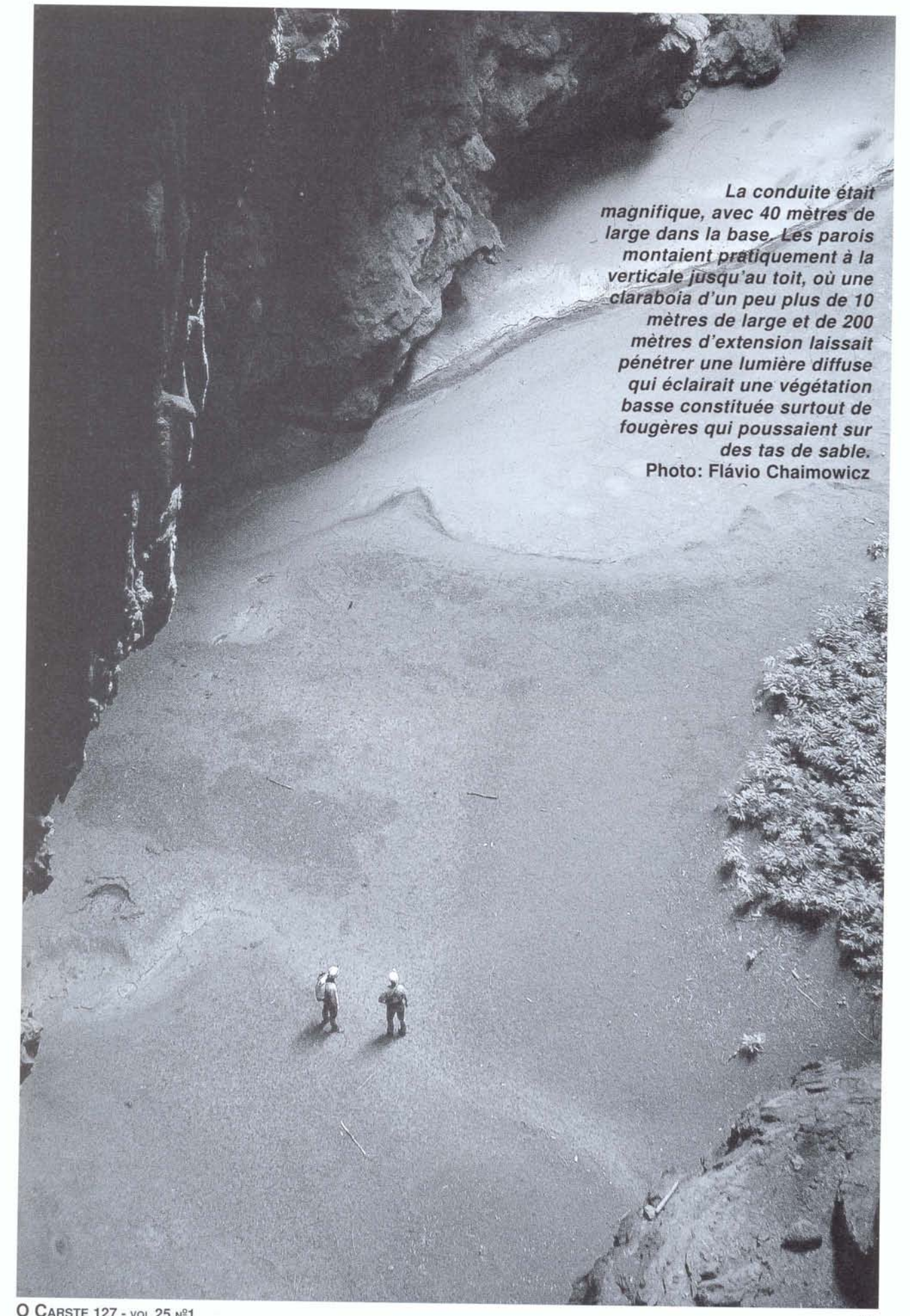
- « Trente deux mètres zéro trois. C'est fermé!!! »

- « Comment ça, c'est fermé? Juste au moment où nous croyions avoir trouvé une vraie conduite! Et sans avis préalable, ni même un toit bas ou un rétrécissement... »

C'était vraiment la fin. L'obstruction de la galerie, formée par un affaissement solide et compact renforcée par une couverture de calcite, ne nous permettait aucun essai. Du côté droit, la rivière ressurgissait contre la paroi à travers un siphon.

Plus rien à faire (la carte du reste de la galerie principale avait déjà été tracée pendant la première partie de la journée). Nous avons ramassé l'équipement de topographie et nous sommes retournés vers la sortie, juste à temps pour voir le jeu de lumière de cette fin d'après-midi inonder de couleurs la galerie principale. Entretemps, Flávio, sur le palier à 80 mètres au-dessus de nos têtes, faisait des efforts pour prendre les dernières photos en profitant de l'échelle de ces êtres insignifiants qui marchaient en bas, d'un côté et de l'autre. C'était encore la fin d'une journée sur la Serra do Ramalho.

Le soir, encore à la table du même bar, en restaurant les énergies d'une assiette bien chaude de riz, de haricots et de viande "de sol", personne ne faisait attention à la viande trop dure ou trop salée. Les conversations tournaient autour des deux prochains jours d'exploration et des divers tuyaux de Gilson (celui de la moto, qui nous avait conduits la première fois à la Gruna da Figueira). Sans le vouloir, nous étions encore une fois en train de planifier le lendemain, les prochains pas, les activités qui nous attendaient. En réalité, il ne s'agissait que d'un exercice d'imagination et de créativité qui nous aidait à vider nos verres de bière... Au fond, nous savions tous qu'à la Serra do Ramalho il est impossible de planifier ce qu'on va trouver au prochain tournant de la galerie ou au milieu d'une forêt d'épineux. Le lendemain, alors...



*La conduite était
magnifique, avec 40 mètres de
large dans la base. Les parois
montaient pratiquement à la
verticale jusqu'au toit, où une
claraboia d'un peu plus de 10
mètres de large et de 200
mètres d'extension laissait
pénétrer une lumière diffuse
qui éclairait une végétation
basse constituée surtout de
fougères qui poussaient sur
des tas de sable.
Photo: Flávio Chaimowicz*